

design

Toque tropical

Governo e empresários de Manaus investem na produção de móveis e objetos de decoração feitos por artesãos da Amazônia com materiais ecologicamente corretos

Por Nely Caixeta, de Manaus

QUE MOGNO, QUE NADA! O que vem deixando encantados turistas americanos, alemães e ingleses que desembarcam dos luxuosos navios de cruzeiro atracados no porto de Manaus são as cores vivas e as ranhuras exuberantes de outras madeiras da Floresta Amazônica pouco conhecidas fora da região. Quem já ouviu falar em coração-de-negro, tucumã, marupá, roxinho, saboarana, violeta e amarelo-cetim? Essas madeiras de nomes exóticos estão sendo transformadas em móveis, utensílios e peças de decoração, ancoradas numa estratégia de marketing cujo mote principal é somar o apelo de produtos ecologicamente corretos a um design contemporâneo que valoriza a qualidade do produto artesanal. Desde dezembro passado, o colorido e as formas inu-

sitadas desses objetos chamam a atenção de muitos visitantes que passam pela porta da Native, loja instalada numa ala recém-restaurada do porto de Manaus — enorme construção de tijolos e ferro erguida na cidade pelos ingleses no início do século passado e hoje objeto de um ambicioso programa de revitalização.

São mesas de jantar, biombos, totes, máscaras, cabideiros, pufes, esferas marchetadas, vasos, painéis e jóias criados por uma equipe de designers comandada por Luiz Galvão, arquiteto gaúcho radicado há 20 anos em Brasília e um dos pioneiros no uso de madeiras alternativas da Amazônia. Há três anos, Galvão assumiu a coordenação de um projeto de design tropical que tem por fim preservar a natureza e dar sustentação econômica a tribos indígenas e a comunidades caboclas ribeirinhas mediante o aproveitamento de resíduos da floresta. Isso mesmo. Nenhuma árvore ou fruto precisaram ser derrubados para a confecção das peças expostas na Native. Além de troncos caídos no chão, a matéria-prima amealhada em três anos de andanças pelo interior do estado inclui palhas, fibras de palmeiras, sementes, cascas de frutos como o cupuaçu e a castanha-do-pará, ossos de mamíferos de pequeno porte e até bateias usadas por garimpeiros de ouro da região.

Idealizado em 1999 pela Superintendência da Zona Franca de Manaus, o projeto só saiu do papel dois anos mais

RESÍDUOS VIRAM PEÇAS CHIQUES

Troncos caídos, sementes, raízes e cascas de frutos inspiram designers

Caboclo colhe a espata da palmeira injá, um tipo de folha usada pelas índias para banhar os filhos pequenos. Tratada e com adereços de madeira colorida e aço cromado, vira uma fruteira



tarde, ao ser absorvido pela Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), entidade instituída pela Federação e pelo Centro das Indústrias do Estado do Amazonas. “Saí feito peregrina atrás de recursos para financiar o projeto de design tropical”, diz Isa Assef dos Santos, diretora executiva da Fucapi. Da Embaixada da Itália, Isa conseguiu 150 000 reais para a compra de equipamentos e montagem de uma marcenaria em Manaus. Do Banco da Amazônia, outros 196 000 reais para financiar pesquisas com madeiras e treinamento de mão-de-obra. No total, foram investidos no projeto cerca de 4 milhões de reais. De lá para cá, cerca de 150 famílias

de pontos diferentes do estado foram treinadas pela equipe de designers comandada por Galvão.

Ele argumenta que não está ali para formar as pessoas da região, em geral exímias conhecedoras de seu ofício. “O que fazemos é estimulá-las a colocar para fora a criatividade, que costuma ser tão rica quanto a própria diversidade da Amazônia”, diz. A idéia,

em outras palavras, é explorar a veia artística encontrada nas comunidades do interior. A prospecção das potencialidades locais levou Galvão e sua equipe a se embrenhar na floresta por longos períodos. As dificuldades de locomoção na Amazônia não são propriamente uma novidade para ele. Num período de cinco anos, entre 1985 e 1990, passou longas temporadas percorrendo a região como consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Ao mesmo tempo que avaliava o impacto ambiental de grandes projetos desenvolvidos

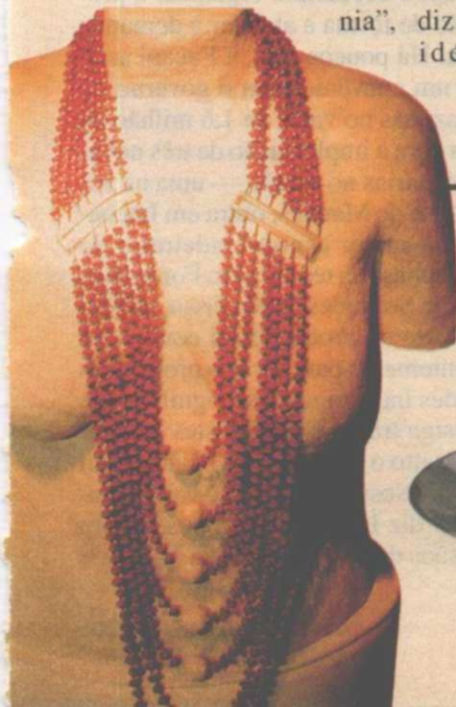
“Como podiam fazer um trabalho perfeito quando o torno que usavam era tocado muitas vezes por um motor de geladeira?”, pergunta Galvão. O acesso a localidades espalhadas por 15 municípios do Amazonas muitas vezes só era possível de avião. Para alcançar os pontos mais afastados, a equipe de Galvão continuava a viagem cortando os rios da região em barcos, canoas e voadeiras. Algumas vezes, levavam até dez dias para chegar a seu destino. Caso, por exemplo, de São Gabriel da Cachoeira, distante 860 quilô-

Galvão com uma raiz de sumaúma no rio Negro: “A criatividade dos índios e caboclos é tão rica quanto a diversidade da Amazônia”

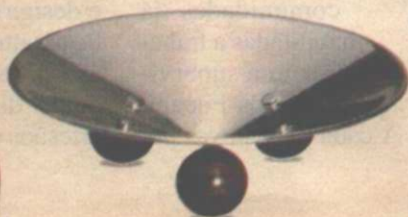
na Amazônia, Galvão foi apurando o gosto pela vasta diversidade de materiais encontrados ali.

Contratado pela Fucapi, Galvão chegou a permanecer dois meses vivendo numa única comunidade do interior. Além de pesquisar materiais e de conhecer melhor os trabalhos desenvolvidos no local, procurou repassar aos artesãos noções de qualidade e técnicas que permitem dar melhor acabamento à produção.

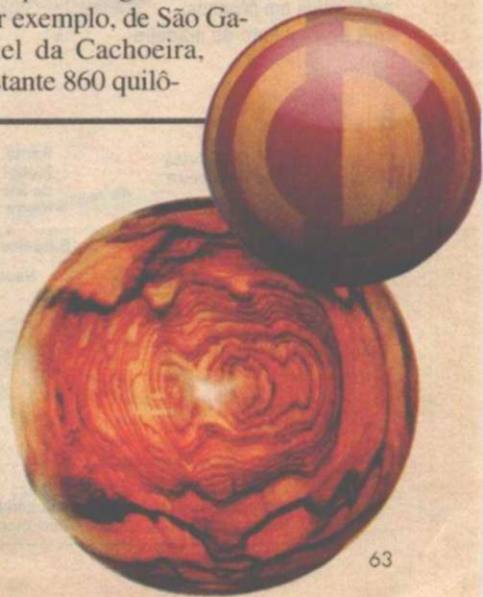
FOTOS: DIVULGAÇÃO



Colar de sementes de tento, ouro e jarina, o marfim-vegetal da Amazônia, e fruteira feita a partir de uma bateia cromada de garimpo: uso de resíduos agrega valor ao artesanato de índios e ribeirinhos



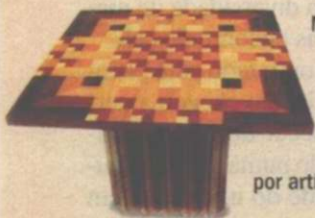
Esfera marchetada e de saboarana produzidas em Novo Airão e em Manaus: marceneiros que até há pouco usavam torno movido a motor de geladeira passam no teste de qualidade



design

UM RICO PASSEIO

O arquiteto Luiz Galvão passou os últimos três anos subindo e descendo os rios do Amazonas para estimular a criatividade de artesãos de comunidades caboclas e indígenas da região. Eis algumas das 150 peças que estão sendo produzidas em diversos pontos do estado a partir dessas andanças:



Madeiras alternativas como o coração-de-negro, a violeta e o pau-rainha são usadas em mesa marchetada feita por artesãos de Novo Airão

Em Tabatinga, quase na fronteira com a Colômbia, o tururi, fibra semelhante ao papiro, extraída da entrecasca da sumaúma — a maior árvore da Amazônia —, ganha grafismos indígenas e vira uma luminária



Produzido por artesãos na marcenaria da Fucapi, em Manaus, o vaso feito com o tronco da palmeira inajá, com base de aço cromado, é uma das peças mais bonitas do projeto

Desenhos rupestres gravados em pedras da região de Santa Isabel do Rio Negro enfeitam pufes produzidos em Manaus, com acabamento de madeira



JOÃO RAMIRO

Tânia e Rozana, da Native:
“Ela só nos dá alegria”

metros de Manaus. Ali, conheceram os trançados de palha da etnia Baniwa, convertidos hoje em sofisticados puffes à venda na Native. Em Barcelos, a 400 quilômetros de Manaus, a palha do tucumã, uma palmeira da região, foi adaptada para tecer conjuntos de sousplat. Os cestos ianomâmi tecidos pelos índios em Santa Isabel do Rio Negro ganharam suporte de metal e pés do fruto polido do tucumã e viraram fruteiras.

A criatividade e a qualidade da mão-de-obra cabocla e indígena surpreenderam as equipes precursoras. “Numa casinha inclinada, que dava a impressão de que podia desmoronar a qualquer momento, encontramos no teto uma réplica dos afrescos pintados por Michelangelo na Capela Sistina”, diz Isa. “O autor era um menino de 15 anos, que fez o trabalho olhando a pintura reproduzida em um daqueles santinhos distribuídos pela igreja.” O resultado dessas andanças gerou o desenvolvimento de um lote inicial de 150

peças hoje produzidas na oficina de Manaus e em algumas comunidades já habilitadas a trabalhar sem a supervisão direta da Fucapi. A cada mês, novas pe-

ças são criadas e incorporadas ao projeto. A agregação de valor obtida por esses produtos é substancial. Uma luminária feita de tururi, fibra com a leveza do papiro obtida da entrecasca da sumaúma — a maior árvore da Amazônia —, não sai por menos de 300 reais na loja. Um colar à base de sementes de tento, ouro e jarina, fruto conhecido no Amazonas como marfim-vegetal por sua consistência dura e cor amanteigada, é vendido por 950 reais. A peça mais cara, uma mesa marchetada de oito lugares, com tampo de vidro, sai por cerca de 7 000 reais.

Se tudo correr de acordo com o planejado, os produtos hoje vendidos na Native poderão ser encontrados daqui a algum tempo nas principais cidades brasileiras. A idéia das empresárias Tânia Ferraz e Rozana Trilha, ex-funcionárias da Fucapi que resolveram investir na abertura da loja da Native em Manaus para testar a aceitação dos produtos, é negociar franquias com interessados de outras partes do país. “Os produtos passaram no teste do consumidor com louvor”, diz Rozana. “A Native só tem nos dado alegria. O jeito, então, é crescer.” Para isso, é necessário organizar a produção de forma a atender à demanda extra. Há poucos dias, a Fucapi assinou um convênio com o governo do Amazonas no valor de 1,6 milhão de reais para a implantação de três novas marcenarias no estado — uma na zona norte de Manaus, outra em Itacoatiara, o maior centro madeireiro do Amazonas, e a terceira em Fonte Boa, no Alto Solimões. Além disso, um engenheiro de produção foi contratado recentemente para tocar o projeto em moldes industriais. Isso significa que o design tropical está prestes a tomar de assalto o resto do país? Não é bem assim. “Nosso crescimento vai ser gradual”, diz Isa. “Afinal, não se criam artesãos da noite para o dia.” ■

